



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

**PENSANDO A MUSEOLOGIA NA PÓS-MODERNIDADE:
TRANSFORMAÇÕES CRÍTICAS E PÓS-CRÍTICAS**

***THINKING ABOUT MUSEOLOGY IN POSTMODERNITY:
CRITICAL AND POST-CRITICAL CHANGES***

Lorhana Serpa Ribeiro Ferreira – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),
Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Teresa Cristina Moletta Scheiner – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Pensar Museologia requer olhar o quadro epistêmico da contemporaneidade. Com esse movimento, nos aproximaremos da disciplina Museologia como união de práticas e como modo de pensar o real que deriva num conjunto de estratégias específicas para interpretar a realidade. Por se tratar de um saber relativamente recente, com limites ainda pouco definidos, a Museologia está sujeita a narrativas parciais, que dificultam seu conhecimento. O presente trabalho baseia-se em análises desenvolvidas para pesquisa de Dissertação defendida em 2024 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins; e propõe refletir sobre os modos e formas através dos quais a teoria museológica interpreta o real, a partir de uma breve contextualização das narrativas da Teoria crítica e da Teoria pós-crítica. O objetivo é apresentar contribuições ao quadro epistêmico da Museologia usando como método a pesquisa exploratória, descritiva e qualitativa. Investigando a condição epistêmica da pós-modernidade, o texto busca analisar as premissas do que se poderia chamar uma “Museologia Crítica”, e aborda o conceito de Museologia Pós-crítica integrando novos estudos de autores estrangeiros. Este trabalho aborda interações interdisciplinares por meio de debates acadêmicos, buscando uma compreensão mais ampla de conceitos na Museologia. Ele propõe novas perspectivas que vão além dos limites epistêmicos frequentemente impostos por abordagens dominantes e visões unilaterais.

Palavras-chave: museu; Museologia; teoria da Museologia; Museologia Crítica e Pós-crítica; Pós-modernidade.

Abstract: Thinking about Museology requires looking at the epistemic framework of contemporary times. With this movement, we will approach the Museology discipline as a set of practices and as a way of thinking about reality that derives from a set of specific strategies to interpret reality. As it is a recent knowledge, with limits that are still poorly defined, Museology is subject to partial narratives,

which make its knowledge difficult. This work is based on analyzes developed for dissertation research defended in 2024 within the scope of Postgraduate Program in Museology and Heritage, Federal University of the State of Rio de Janeiro/Astronomy and Related Sciences Museum; and proposes to reflect on the ways and forms through which museological theory interprets reality, based on a brief contextualization of the narratives of Critical Theory and Post-critical Theory. The objective is to present contributions to the epistemic framework of Museology using exploratory, descriptive and qualitative research as a method. Investigating the epistemic condition of post-modernity, the text seeks to analyze the premises of what could be called a “Critical Museology”, and addresses the concept of Post-critical Museology by integrating new studies by foreign authors. This work approaches interdisciplinary interactions through academic debates, seeking a broader understanding of concepts in Museology. It proposes new perspectives that transcend the epistemic limits often imposed by dominant approaches and unilateral viewpoints.

Keywords: museum; Museology; Museum theory; Critical and Post-critical Museology; Postmodernity.

1 INTRODUÇÃO

A Museologia é um saber que começa a ganhar contornos mais nítidos na segunda metade do século XX, contribuindo para a compreensão do fenômeno Museu e do papel e função dos museus instituídos no desenvolvimento cultural das comunidades. Essa disciplina destaca a importância da valorização da identidade cultural, da diversidade, e do diálogo intercultural. A teoria da Museologia é importante não apenas por fundamentar as práticas profissionais dentro dos museus, mas também por promover a educação emancipatória, ao desvelar contextos históricos e culturais que ajudam as pessoas a entender melhor o mundo e os museus ao seu redor: explora novas abordagens e concepções sobre o que um museu pode ser e como ele pode operar na sociedade contemporânea. Seus estudos vão além da ideia tradicionalista de ‘museu’ (museu instituído - tradicional ortodoxo, exploratório, com coleções vivas, de território) e considera as experiências criativas de Museu que se dão em processo: o Ecomuseu na sua proposta original (laboratório, e não meramente um lugar); o museu virtual; as experiências emergentes (Scheiner, 2017).

Quando fundamentada na abordagem crítico-filosófica, a reflexão sobre Museologia advoga ideias sobre a episteme do campo. Os aspectos teóricos que se referem ao caráter filosófico da Museologia foram discutidos por autores como Anna Gregorová, Bernard

Deloche, Teresa Scheiner e Oscar Navarro, entre outros¹. Conforme Gregorová (1980), a pauta epistêmica da Museologia seria o estudo da relação específica entre o humano e realidade. A teórica conclui que a relação homem e realidade se desenvolve em “todos os contextos em que esta se manifesta concretamente” (Gregorová, 1980, p. 19). Uma compreensão acerca de seu modo de pensar Museologia pode levar a crer que a relação se apresenta apenas em objetos materiais - o que se convencionou denominar “objetos de museu”. Ao contrário, o construto defendido pela autora não limita a relação a se realizar por meio dos objetos materiais: a relação se faz presente em todas as manifestações concretas do humano no real. Nesse sentido, Gregorová (1986) acredita que o substrato epistêmico do museu não é material, é imaterial².

Contudo, a teoria museológica ainda carece de argumentação teórica. Uma questão aberta na Museologia e nos estudos sobre museus é a disseminação de narrativas distorcidas, que contribuem para fragmentar sua compreensão pública.

Este artigo propõe uma abordagem crítica e reflexiva, visando desafiar narrativas estabelecidas através do uso de teorias e conceitos específicos. Questionar essas narrativas não se limita à substituição por novas versões, mas sim estimular um diálogo analítico que promova uma visão mais abrangente e inclusiva dos fenômenos históricos, culturais e sociais, promovendo a reflexão crítica sobre o campo museal.

O presente texto tem como objetivos principais: a) Realizar uma breve apresentação dos conceitos da Teoria Crítica e da Teoria pós-crítica; b) Abordar o conceito de Museologia Pós-crítica, englobando novos estudos de autores estrangeiros e brasileiros; e c) Apresentar uma sucinta reflexão sobre a condição do conhecimento na Modernidade, Contemporaneidade e Pós-modernidade.

¹ Reconhecemos a excelência da produção de diversos autores brasileiros sobre a teoria da Museologia; no entanto, observa-se que, na maioria das vezes, essa produção não se fundamenta em uma matriz epistêmica de caráter filosófico.

² A filósofa eslova consegue desvincular o pensamento do museu que recolhe acervos, inaugurando um modo de pensar Museologia que associa seu objeto de estudo à relação “entre a gnose (conhecimento) e o fenômeno (manifestação)” (Scheiner, 2017). Portanto, entende a Museologia como uma disciplina sócio-científica específica, de natureza essencialmente filosófica, que investiga essa relação específica do homem com a realidade.

2 DESENVOLVIMENTO

A natureza da nossa investigação é qualitativa. A metodologia de trabalho incluiu leitura e análise de conteúdo de textos teóricos sobre o tema, numa pesquisa descritiva-exploratória a partir de fontes bibliográficas consultadas. Entre os temas abordados destacam-se aqueles vinculados aos seguintes termos/conceitos:

2.1 Teoria Crítica

A teoria crítica emergiu como uma argumentação intelectual frente ao contexto sócio-político do século XX, particularmente na Europa pós-Segunda Guerra Mundial. É oriunda da denominada Escola de Frankfurt, fundada a partir do Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt, Alemanha, nos anos 1920. Os pesquisadores mais destacados, como Max Horkheimer e Theodor Adorno, propagaram a resposta crítica às questões sociais, buscando interpretar e criticar as bases do pensamento ocidental, influenciado pela crise social e pelas experiências conturbadas da guerra e do totalitarismo. Desenvolveram um novo parâmetro de análise, multifacetado, que combinava filosofia, sociologia, psicologia e crítica cultural. Seu objetivo era apresentar as estruturas de poder, ideologia e dominação que permeavam a sociedade capitalista, questionando tanto a cultura de massa quanto as instituições tradicionais. Neste processo, realizaram a crítica ao desenvolvimento intelectual da sociedade que incide sobre a teoria tradicional, no sentido cartesiano, refletida em todas as ciências especializadas. Conforme Horkheimer, os sistemas disciplinares organizaram os conhecimentos para que fossem aplicáveis em diversas situações, mas ignoraram a gênese social dos problemas e as circunstâncias reais em que a ciência é utilizada.

A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não é para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela (Horkheimer, 1989, p. 69)³.

³ Cabe esclarecer que a obra utilizada para o presente trabalho - "Filosofia e Teoria Crítica" - edição em português de 1989, fundamenta-se no primeiro manifesto de Horkheimer, "Teoria tradicional e teoria crítica", publicado em 1937, que influenciou diretamente a concepção filosófica e a metodologia de trabalho do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt.

Enquanto a Teoria Tradicional buscava descrever e explicar o *status quo* daquilo que está aparente, de maneira objetiva e científica, a Teoria Crítica vai além, ao criticar as estruturas de poder, exploração e alienação humana⁴. Mais do que constatar como funciona a sociedade, a partir de leis gerais e universais, a teoria crítica evidencia o papel do homem na sua transformação.

2.2 Modernidade

A condição epistêmica da sociedade no presente é frequentemente caracterizada como pós-moderna. Isso não significa que a modernidade tenha terminado, mas sim que há uma mudança significativa na forma como entendemos o conhecimento, a verdade e a própria condição humana.

A narrativa do "moderno" nas ciências humanas e sociais é marcada por ambivalências. René Descartes dividiu a realidade entre a mente e a matéria - "penso, logo existo" -, influenciando a consolidação do conjunto de suposições básicas que dão apoio a modelos e teorias científicas do mundo moderno, num paradigma conhecido como cartesiano/newtoniano. Esse paradigma configurou o modelo de realidade concebido e aceito pela maioria da comunidade científica, com o tempo marcando definitivamente o mundo ocidental (Liimaa, 2011).

A função dogmática da antropologia, que se consolidou ao longo do século XIX, desempenhou um papel significativo na configuração do pensamento filosófico da época. Essa dogmatização frequentemente resultou em uma visão eurocêntrica e essencialista das culturas, promovendo classificações rigidamente definidas que limitaram a diversidade de perspectivas. A antropologia, ao tentar categorizar e entender as diferentes sociedades, frequentemente ignorou as complexidades e nuances das interações culturais, perpetuando narrativas que reforçavam hierarquias de poder e conhecimento. Essa abordagem não só influenciou a maneira como as culturas eram percebidas, mas também direcionou o pensamento filosófico para uma estrutura que, muitas vezes, não considerava a multiplicidade de experiências humanas.

⁴ O instituto promovia, em meio universitário, investigações científicas a partir da obra de Karl Marx (1818-1883). "A teoria crítica, desde o início, tem por referência o marxismo e seu método" (Nobre, 2004, p. 13).

No século passado, a busca por uma compreensão total do real, superando visões etnocêntricas, deu origem a um novo paradigma. Esse surgimento, que remonta à física, questionou o modelo cartesiano-newtoniano e resultou na formação do paradigma denominado holístico, ecológico, quântico ou sistêmico, conforme diferentes matrizes de interpretação. Liimaa (2011) comenta que este foi o momento em que se contrapôs à visão reducionista e ambivalente do paradigma anterior uma visão de cooperação e interdependência - entre saberes, práticas e modelos de interpretação do real.

A época atual é caracterizada por ideias que moldam as ciências sociais e humanidades, com ênfase no pluralismo cultural. Esse conceito reconhece a existência de diferentes sistemas de conhecimento nas culturas, afirmando que há uma “pluralidade ou multiplicidade de seres, individuais e autônomos, e que considera o real como múltiplo. Neste sentido, o real seria Irredutível a uma substância ou princípio único, ou mesmo a dois princípios” (Japiassú; Marcondes, 2006, p. 156).

2.3 Pós-modernidade

Bauman (1999, p. 259) comenta que, na passagem da modernidade para o estágio pós-moderno, teria surgido “uma despreocupada consciência de que existem muitas histórias que precisam ser contadas e recontadas repetidamente, a cada vez perdendo algo e acrescentando algo às versões anteriores”. Ao contrário da inquieta procura pela precisão e confiabilidade de teorias e modelos explicativos que propunha a ciência moderna, na pós-modernidade vivemos uma exposição contínua à ambivalência, ou seja, a um ambiente social e comportamental sem uma solução clara, sem uma escolha segura, sem um conhecimento prévio de "qual caminho seguir" (Ibid.).

A Segunda Guerra Mundial teria marcado o início dessa transformação epistêmica entre moderno e pós-moderno, construindo as condições que possibilitaram a fundação desse novo modo de pensar. Esse evento representou a destruição das promessas das filosofias históricas do século XIX, que visavam progresso e emancipação, questionando a validade das metanarrativas⁵ que buscavam unificar a experiência histórica diante das

⁵ Lyotard (1998) revela que houve um desencantamento a respeito do futuro certo e garantido, bem como do desejo de explicações totais. Assim, toda visão de mundo que se diz detentora da

tragédias da guerra (Albuquerque Jr., 2007, p. 53). Agora desafia-se a ideia de uma verdade objetiva e universalmente válida: a condição epistêmica da pós-modernidade é fluida, fragmentada. Tudo o que podemos tentar conhecer são compreensões construídas socialmente e influenciadas por contextos históricos, culturais e linguísticos específicos.

Se por um lado a condição epistêmica da pós-modernidade sugere a descentralização do conhecimento institucionalizado e a valorização da diversidade de vozes e experiências não dominantes que coexistem e se entrelaçam, por outro lado seu relativismo epistêmico preocupa - por não apresentar um conhecimento com critérios universalmente válidos. Discute-se não haver mais clareza para avaliar a veracidade das afirmações. Quando não há formas de checar a validade do conhecimento, as discussões podem se tornar inconclusivas ou incapazes de chegar a um entendimento comum.

2.4 Teoria pós-crítica

Pós-crítico é um termo cunhado pelo filósofo húngaro-britânico Michael Polanyi na década de 1950 para designar uma posição de investigação que se coloca além da orientação filosófica crítica. Na obra “Conhecimento Pessoal: Por Uma Filosofia Pós-Crítica”, busca caracterizar seu construto, argumentando que parte do que implica ser uma filosofia “pós-crítica” é que ela faz da crença pessoal do cientista uma parte integrante do programa epistemológico (Agler, 2012). Inversamente, a acepção clássica da filosofia vê o saber teórico como um conhecimento que se distancia do mundo da experiência concreta, sensível, e que não se mantém próximo da prática. Nesse sentido poderíamos imaginar que uma teoria do que nos diz respeito partiria da suposição de que existe do lado de fora um “pós-crítico” a ser descoberto, examinado, atestado, repleendido, relativizado ou desconstruído por outrem. Entretanto, Polanyi chama atenção para uma teoria na qual seria possível discordar dessa objetividade absoluta e inquestionável da ciência, estabelecida durante a revolução científica do século XVII. Ele argumenta que o cientista não é um observador neutro, mas está profundamente envolvido e comprometido com sua pesquisa. Portanto, o conhecimento científico não pode ser completamente dissociado das convicções pessoais do conhecedor, das intuições e das experiências do cientista (Polanyi, 1964).

verdade passou a ser encarada como equivocada. O pós-moderno seria justamente essa incredulidade em relação às metanarrativas.

O modo crítico vem sendo atacado por muitos pesquisadores. Podemos destacar, como um dos principais motivos que tornam o modo de inteligência crítica passível de ser problematizado, a tendência excessivamente negativa adotada por muitos autores críticos. Segundo Felski (2017), a falta de envolvimento pessoal crítico não implica ausência de humor, mas reflete um estado de “espírito intelectual negativo”. A expressão de críticas está frequentemente associada à descrição de como as coisas não deveriam ser (Wortmann, 2020). O entendimento intelectual opera ao investigar, por exemplo, condições sociais injustas, modos problemáticos de subjetivação ou relações deficientes do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, que precisam ser superadas. Wortmann acusa que essa perspectiva é moldada por uma atitude de oposição, que parece ser a única alternativa viável, fazendo com que muitos pesquisadores se sintam inclinados a adotar essa forma de crítica.

Polanyi entende a mudança pós-crítica como o sucessor natural da abordagem crítica ao conhecimento. Relatos apontam para a “ruptura com o paradigma crítico, renunciando à postura denunciadora e começando a escutar os atores” (Dosse, 2007, p. 18 *apud* Pacheco, 2013. p. 12). Se por um lado, a teoria crítica enfatiza uma análise objetiva e dialética das relações entre forças sociais contraditórias, com o objetivo de denunciar as dinâmicas de poder que obstaculizam a emancipação nas sociedades, por outro lado a teoria pós-crítica prioriza a subjetividade e a especificidade das experiências individuais, adotando uma abordagem que se afasta das contradições universais para valorizar as vozes e as vivências distintas de diferentes identidades⁶. Polanyi argumenta que ir além do que se considerava o modo profundamente falho de inteligência e reflexão crítica que caracteriza a Modernidade e predomina no mundo acadêmico requer essa mudança fundamental na sensibilidade; e oferece uma perspectiva para o que se poderia denominar de “modo pós-crítico” de estar no mundo.

Também podemos entender o surgimento da teoria pós-crítica como uma reação da teoria crítica ao voltar-se sobre si mesma. Postula a desconstrução de hierarquias rígidas de valor literário ou cultural, questionando quais obras e quais formas de produção cultural são

⁶ Entendemos que algumas ideias aqui apresentadas podem parecer vagas ou carentes de mais fundamento, até porque estão subordinadas ao limite de páginas permitido para o texto. No entanto, acreditamos que debater a subjetividade e a multiplicidade de verdades é fundamental para compreender a diversidade de experiências na Museologia. Considerar essas discussões é metodologicamente válido e relevante, pois enriquece nosso entendimento teórico e possibilita uma análise crítica e integrada que reconhece as múltiplas dimensões do saber.

consideradas válidas para o estudo crítico. Como resultado, a teoria pós-crítica pode ser considerada uma expansão da teoria crítica tradicional, incluindo uma gama mais ampla de interpretações, contextos e vozes. Caminha “em direção a novos modos de análises que não eram acríicas, mas em certo sentido haviam ido além da crítica” (Skiveren, 2022, p. 2). Seu objetivo é questionar noções fixas de significado e autoridade interpretativa, abrindo espaço para uma análise mais pluralista e inclusiva das obras culturais e literárias.

Finalmente, podemos dizer que ainda não se chegou a uma ideia organizada para estabelecer o que constitui o pós-crítico. Em outras palavras, não existe nenhuma clara definição de pós-crítica, amplamente aceita por acadêmicos. Na pesquisa educacional, a teoria crítica tem sido amplamente reconhecida como uma ortodoxia. Já a teoria pós-crítica, embora debatida, não proporciona uma visão geral e abrangente, mas introduz questões emergentes e oferece respostas indicativas⁷. Mas certamente podemos inferir que a teoria pós-crítica encaminha o pensamento na direção da pluralidade e da diferença.

2.5 Museologia crítica

Hoje, a Museologia é entendida de forma plural, atuando simultaneamente como instância de pensamento e como instância narrativa. Ela é vista tanto como uma expressão de ideias de especialistas de diversas disciplinas quanto como um elemento dentro de uma narrativa mais ampla, refletindo os diversos discursos e sistemas de significado que coexistem e interagem na sociedade.

Contudo, existem tentativas de alinhar a Museologia apenas a um conjunto de práticas desenvolvidas ou utilizadas nos museus. Aqui, damos maior destaque ao desenvolvimento das raízes epistêmicas da Museologia em seu viés crítico. O sentido original do termo Museologia crítica era literal: realizar estudo crítico no cotidiano dos museus. Conforme Lynne Teather defendia em sua tese de doutorado (1984), o termo “Museologia Crítica” foi reivindicado pelo Curso de Museologia da Academia Reinwardt na reunião anual

⁷ Por exemplo, as diferenças entre a pedagogia crítica e a pós-crítica são significativas: enquanto a pedagogia crítica tende a focar nas diversas origens dos alunos, a pedagogia pós-crítica parte da suposição de uma igualdade radical. Ademais, enquanto a pedagogia crítica vê a educação como um meio para fins sociopolíticos, a pedagogia pós-crítica a considera uma atividade que possui valor intrínseco (Wortmann, 2020).

do ICTOP⁸, realizada em Ottawa, Canadá, no ano de 1982 (Lorente, 2012): teria surgido de uma atividade escolar realizada na Academia por volta do ano de 1979. Os estudantes visitaram o museu como integrantes do público em geral e depois foram induzidos a formar sobre a visita uma visão crítica e pessoal, sem nenhum guia do museu, como geralmente ocorria.

Em princípio - segundo Teather e Lorente - Museologia Crítica se referiria a uma forma de organização de visitas de estudo a museus que se distinguiu da mediação feita por profissionais de museus de outros cursos. Naquela época, Teather justificou o uso dessa terminologia ao basear-se na “teoria crítica” de Theodor Adorno. O que era percebido como Museologia Crítica aqui estaria inscrito na prática museal, mais especificamente no conjunto de atividades envolvidas na interpretação e exposição de coleções em museus. Nesta abordagem o museu tradicional ortodoxo e o patrimônio instituído eram o centro fixo onde os alunos se orientavam para desenvolver seus conhecimentos. Nesse contexto, temia-se o desenvolvimento de um modo de pensar excessivamente direcionado a um foco específico, cristalizando uma abordagem que a teoria museológica provou ser redutora e parcial.

O que temos visto é um distanciamento daquilo que já foi feito ao organizar a Museologia como campo disciplinar de natureza científica ou como esfera filosófica, desde os anos 70 presentificando uma teoria da Museologia. Logo, devemos considerar algumas consequências do modo restrito com que alguns pesquisadores ainda podem encarar a Museologia.

Entre elas, podemos mencionar a especialização essencialmente centrada no trabalho em museus: a especialização profunda pode levar os profissionais a focalizarem intensamente a prática em museus, confundindo-a com Museologia. Embora isso possa levar a avanços significativos, também pode limitar a visão geral e a capacidade de conexão com outras áreas do conhecimento. Outra consequência seria a fragmentação do conhecimento sobre a Museologia - que pode ocorrer quando os estudos se concentram exclusivamente em áreas muito específicas dentro dos museus, perdendo de vista o contexto geral da teoria museológica e/ou a interconexão com outras disciplinas. Neste último caso, especialistas de outros campos ou que são do próprio campo da Museologia preferem conceber a Museologia como um ramo de outra disciplina (Antropologia, História

⁸ Comitê Internacional do ICOM para a Formação de Pessoal para Museus - ICOM/ICTOP.

ou Ciência da Informação) e assim, frequentemente questionam a rica produção acadêmica desenvolvida por essa esfera de pensamento e sua habilidade de permear as fronteiras disciplinares de outros campos. A terceira consequência seria o estreitamento de visão: o foco excessivo em um único ponto de vista ou metodologia pode reduzir a capacidade de considerar o campo da Museologia em sua forma plural, complexa e em interface com os demais campos disciplinares. É importante lembrar que uma característica chave do método crítico é que devemos antecipadamente proceder a uma investigação sistemática das nossas crenças. Dessa maneira, esperamos não deixar de revisitar nossas crenças pessoais acríticas.

2.6 Museologia pós-crítica

A Museologia Pós-crítica seria um termo que representa o juízo - elaborado no livro *Post-Critical Museology: theory and practice in the art museum*, publicado pela *Tate Gallery* (2013) - que consigna a Museologia como possuidora de um caráter diferenciado capaz de superar uma de seus maiores fatores limitadores na atualidade: a inclusão social em museus. O objetivo da mudança terminológica entre Museologia crítica e pós-crítica pode ser entendido a partir de transformações nas esferas profissionais e interações de fronteiras culturais no contexto anglo-saxão (Lorente, 2012). Segundo Walsh (2016), a Museologia Pós-crítica apresentaria um novo modelo de pesquisa colaborativa incorporada ao museu de arte, baseada na prática e conduzida pela prática, não só destacando a inclusão do público, mas também provocando a sua animação como um participante legítimo na formação e distribuição de conhecimento dentro do museu de arte e no encontro com a obra de arte. Busca-se afastar a imagem dos museus anglófonos da sua natureza elitista, que permeia o discurso acadêmico internacional. Agora o museu estaria sendo obrigado a sair da inação para se adaptar ao ambiente epistêmico mais inclusivo da pós-modernidade.

A experiência do contexto intelectual inglês revela inibidores de mudança na agenda política de inclusão social nos museus do Reino Unido. Sandell (2003) identifica que muitos trabalhadores de museus não reconhecem a responsabilidade social das instituições em relação à desigualdade social, preferindo priorizar funções educativas e a preservação de acervos. Além disso, os museus geralmente não compartilham a tomada de decisões com o público ou capacitam a comunidade, mantendo um modelo tradicional de autoridade profissional. Sandell também critica agências de saúde e bem-estar por excluírem os museus

de iniciativas sociais, além de apontar a falta de orientações adequadas e a composição elitista da força de trabalho do setor, que resiste à diversidade e a novas abordagens.

O panorama geral das discussões que temos observado é de que o museu seria um empreendimento colonialista, situado dentro de uma vertente evolucionista. Teme-se a manutenção das práticas tradicionais nos museus. Na prática museológica o grande desafio, hoje, seria aumentar a preocupação com as relações de participação e diálogo nos museus. Tornaram-se cada vez mais centrais o compromisso com o intercâmbio cultural e o respeito para com o valor da diversidade cultural, gerando nos museus uma atitude de diálogo, de troca com os grupos minoritários.

É possível ainda estabelecer conexões produtivas entre a abordagem pós-crítica e os estudos de linguagem em museus. O livro *Post-Critical Museology* realiza essa articulação ao avaliar como diferentes vozes e culturas são percebidas dentro das instituições, com ênfase nas questões de diversidade e inclusão. A análise apresentada indica que, nas definições de "audiência" e "público", os visitantes têm sido inadequadamente interpretados como representantes sociais, revelando uma falta de clareza na forma como as instituições compreendem suas audiências e com elas se relacionam. Essa problemática decorre de uma abordagem que se baseia exclusivamente na análise crítica acadêmica. Os autores argumentam que, na Museologia, essa análise se configura apenas como um aspecto teórico, que não se traduz efetivamente na prática. Nesse contexto, a análise pós-crítica deve ser considerada, uma vez que as teorias pós-críticas atuam em esferas sociais menores, concentrando-se nas relações de poder que permeiam os micros contextos (Eto; Neira, 2017).

Essa situação ressalta a complexidade das interações entre museus e seus públicos. A teoria e a prática podem estar desconectadas, sugerindo a necessidade de uma abordagem mais precisa e inclusiva, que reconheça a diversidade e as múltiplas identidades dos visitantes. Isso implica ir além de aspectos negativos como exclusão e opressão num contexto macro e estrutural do capitalismo, que exigem a reorganização da totalidade social, uma limitação frequentemente associada à Museologia Crítica (Dewdney et al., 2013). Em contraste, as abordagens pós-críticas focalizam a especificidade e propõem alternativas para mudanças no singular e no particular, primando pelo pessoal em relação ao social. A teoria pós-crítica opera nas relações específicas, nas quais grupos em determinadas situações são oprimidos e lutam para modificar sua condição por meio do direito à representação e ao

reconhecimento. Assim, sugerimos que a Museologia Pós-Crítica busca ir além dessa crítica, propondo uma nova forma de entender e engajar o público nos museus, enfatizando a importância de uma abordagem mais reflexiva e inclusiva.

Existe uma significativa produção de autores brasileiros⁹ que, nas últimas décadas, abordam questões similares relacionadas à teoria pós-crítica em museus. Scheiner (2020) comenta que essas discussões resultaram em novas adjetivações do Museu - como museu inclusivo, museu aberto, museu dialogal, museu híbrido e museu decolonial; e da Museologia: Museologia Inclusiva, Museologia Decolonizada, Museologia Experimental, Museologia Reflexiva e Museologia Participativa. No entanto, é importante ressaltar que a matriz epistêmica que fundamenta essas abordagens é de natureza sociológica, sócio-histórica ou antropológica, e não uma matriz museológica de caráter filosófico¹⁰.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante notar que a teoria pós-crítica, quando abordada de maneira segmentada, tem enfrentado resistência e não tem sido universalmente aceita entre alguns acadêmicos. Uma das principais razões para a resistência à aceitação é que a atualização das interpretações à luz do contexto atual não implica necessariamente um rompimento com a teoria crítica. Embora os autores da teoria crítica estejam influenciados pela Escola de Frankfurt, é possível que não adotem integralmente todas as suas perspectivas teóricas, sem, por isso, deixarem de ser considerados teóricos críticos. Um exemplo dessa situação é Habermas (1981), que, apesar de sua influência frankfurtiana, desenvolve abordagens distintas em relação a certos aspectos da teoria crítica. Segundo ele o pensamento marxista, com sua ênfase na determinação econômica e na luta de classes, oferece uma visão limitada

⁹ No Brasil, há uma escassez de análises substanciais que abordem especificamente a Museologia Pós-crítica. Destacam-se as contribuições de Cayo Honorato (2019) e Maya Macario (2019), que representam alguns dos poucos estudos, senão os únicos, disponíveis gratuitamente no meio digital sobre essa temática no país.

¹⁰ É importante destacar o trabalho de Marília Xavier Cury (2020), que, a partir de uma perspectiva filosófica, analisou a Museologia em sua relação com o ser e a teoria museológica, uma abordagem que ela, como outros teóricos, entende como Metamuseologia. A autora investigou a subjetividade no museu e nas exposições, enfatizando a reivindicação dos povos indígenas por participação nas instituições museológicas. Ela também desenvolve uma pesquisa abrangente na interseção entre Museologia e teoria crítica, que poderá ser melhor abordada em nossos trabalhos posteriores.

do processo de mudança social. Para o autor seria necessário abandonar as formulações originais de Marx. “Isso não porque Habermas pretende abrir mão da crítica, mas porque, para ele, os conceitos originais da Teoria Crítica não são mais suficientemente críticos frente à realidade atual” (Nobre, 2004, p. 54). Nesse sentido, alguns autores argumentam que, apesar da significativa distância entre as formulações mais recentes, como a posição pós-crítica, e a enunciação original dos princípios fundamentais da teoria crítica tal como realizada por Marx, a teoria crítica continua a se perpetuar em suas diversas reformulações alternativas.

A Museologia Crítica está sempre em transformação. Não é apropriado considerar que seu trabalho está amplamente concluído. O campo museal continua a evoluir e a se adaptar às novas demandas e desafios contemporâneos. O pós-crítico pode ser visto como uma tentativa de complementar a crítica, apresentando questões alternativas e uma abordagem experimental preocupada em ir além da sensibilidade intelectual crítica. Não podemos pensar tais construtos como algo compartimentado em uma Museologia crítica e uma Museologia pós-crítica. Se antes obedecíamos a uma ordem cronológica para construir conceitos que se contrapõem aos antigos, agora podemos trabalhar na dinâmica das trocas. Ir além da Museologia crítica deve incluir “passar por ela”; isso é importante porque a crítica é uma parte necessária da Museologia pós-crítica. Assim, para construir o novo não é preciso se contrapor ao velho, podemos realizar trocas.

O universo da Museologia e dos estudos sobre museus tem muitas interlocuções. No que se refere à Museologia aplicada, é preciso perceber sempre a potência do Museu como espaço relacional, capaz de abrigar todas as vivências, todas as interpretações (Scheiner, 2016). Almeja-se que sujeitos, grupos ou organizações compartilhem e adquiram conhecimentos uns com os outros. Portanto, os produtos e processos resultantes das criações de “Museologias críticas e pós-críticas” são desdobramentos da episteme pós-moderna que tornam explícita nossa realidade - fragmentada, fluida e mutável. Uma não está contra a outra, mas mostram o quão múltipla a Museologia pode e deve ser¹¹.

¹¹ Justificamos a apresentação resumida de ideias complexas devido ao limite de páginas. Para ir mais fundo ver Scheiner (2020, 2015), Ferreira (2024), Dewdney *et. al.* (2013).

REFERÊNCIAS

- AGLER, David W. Polanyi and Peirce on the Critical Method. **Tradition & discovery**: the Polanyi Society Periodical, v. 38, n. 3, p. 13-30, 2012. Disponível em: <http://polanyisociety.org/TAD%20WEB%20ARCHIVE/TAD38-3/TAD38-3-fnl-full-pdf.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.
- ANKER, Elizabeth S.; FELSKI, Rita. **Introduction**. Critique and postcritique. Durham: Duke University Press, 2017. p. 2.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CURY, Marília Xavier. Metamuseologia: reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 129-146, 2020.
- DEWDNEY, A.; DIBOSA, D.; WALSH, V. **Post-critical museology**: theory and practice in the art museum. London. New York: Routledge, 2013.
- DOSSE, François. **História do estruturalismo**. São Paulo: EDUSC, 2007. 2 v.
- ETO, J.; NEIRA, M. G. Em defesa de uma teoria pós-crítica de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 580-592, 2017.
- FERREIRA, Lorhana Serpa Ribeiro. **Rumo à Museologia Pós-Crítica?**: reflexões sobre a Teoria Crítica e Pós-Crítica aplicada à Museologia. Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina Scheiner. 2024. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- GREGOROVÁ, Anna. La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?. **DoTraM**: documents de travail sur la Museologie, Stockholm, n. 1, p. 19-21, 1980.
- GREGOROVÁ, Anna. Contributions to the symposium. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND IDENTITY LA MUSEOLOGIE ET L'IDENTITE, 1986, Buenos Aires. Basic Papers = Mémoires de base. Stockholm: ICOFOM, 1986. p. 115-128.
- HABERMAS, J. **The theory of communicative action**: reason and the rationalization of society. Boston: Beacon Press, 1984. v. 1.
- HONORATO, Cayo. A Museologia pós-crítica segundo os Tate Encounters. **Mouseion**, Canoas, n. 33, p. 93-107, 2019.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

HORKHEIMER, M. **Filosofia e teoria crítica**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LIIMAA, Wallace. **Princípios quânticos no cotidiano**: a dimensão científica da consciência e espiritualidade. São Paulo: Aleph, 2011.

LORENTE, Jesús-Pedro. The development of museum studies in universities: from technical training to critical museology. In: **Museum Management and Curatorship**, [S. l.], v. 27. n. 3, p. 237–252, 2012.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MACARIO, Maya Moreno. **Entre a Museologia Crítica e a Pós-crítica**: uma proposta metodológica para a formação de público na Casa da Cultura da América Latina. Orientador: Clovis Carvalho Britto. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

PACHECO, José Augusto. Teoria (pós) crítica: passado, presente e futuro a partir de uma análise dos estudos curriculares. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 6-22, 2013.

POLANYI, Michael. **Personal Knowledge**. Towards a Post-Critical Philosophy. New York: Haper & Row, 1964.

SANDELL, Richard. Social inclusion, the museum and the dynamics of sectoral change. **Museum and Society**, Leicester, Reino Unido, n. 1, v. 1, p. 45-62, 2003.

SCHEINER, Teresa. Cultura Material e Museologia: considerações. In: GRANATO, Marcus. **Museologia e patrimônio**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015. v. 1, p. 16-48.

SCHEINER, Teresa. Museologia, hiperculturalidade, hipertextualidade: reflexões sobre o Museu do Século 21. **Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 46-63, jan./jul. 2020.

SCHEINER, Teresa. Para além do Museu: museologias e meta(?) teorias, notas sobre a contribuição de Stránský ao pensamento latino-americano. In: SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **Stránský**: uma ponte Brno – Brasil, anais do III Ciclo de Debates da Escola de Museologia da UNIRIO. Rio de Janeiro: Unirio; Paris: ICOFOM, 2017. p. 60-72.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

SCHNEIDER, Teresa. Re-defining Museology as a field?: brief notes on Museology as the core of interdisciplinary dialogue. **Bulletin of Japan museum management academy**, Kumamoto v. 20, p. 3-17, 2016.

SKIVEREN, Tobias. Postcritique and the problem of the lay reader. **New literary history**, Virginia, v. 53, n. 1, p. 161-180, Winter 2022.

WALSH, Victoria. **Redistributing Knowledge and Practice in the Art Museum**. Stedelijk Studies, 2016. Disponível em: <https://researchonline.rca.ac.uk/2302/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

WORTMANN, Kai. **Drawing Distinctions: what is Post-Critical Pedagogy?** **On Education: Journal for Research and Debate**, Amsterdam, v. 3, n. 9, 2020.